Dois topônimos cearenses

(Quixeramobim e Ubatuba)

O intelectual conterrâneo Sr. Ubatuba de Miranda ofereceu ao Instituto a cópia da carta que abaixo publicamos tal qual. É seu autor o ilustre tupinólogo patrício Dr. Teodoro Sampaio.

* * *

«Bahia, 3 de Abril de 1931

Illmo. Snr. Luiz Studart

Saudações.

Sem demóra acudo ao pedido do meu bom e illustre amigo, o snr. Barão de Studart, que por aqui passando e não tendo se avistado commigo, deixou dito a um amigo de me procurar e de me pedir a significação de dous toponymos indigenas: *Quixeramobim* e *Ubatuba*, significação que elle desejava fosse transmittida por lettra minha a V. S.

Venho agora e por meio desta carta satisfazer ao pedido do meu bom e velho amigo, o mais abalisado dos conhecedores da historia do Nordeste Brasileiro.

O toponymo *Quixeramobim*, que o illustre e nunca esquecido Von Martius tomou como de procedencia tupi e o traduziu: *oh, ego alio tempore*, ou bem *quos ego alio tempore!* dando o vocabulo como composto do tupi: — *qui, xere amobinhe*, não é, em verdade, desta procedencia linguistica. Não é do tupi, como não o são esses outros toponymos do

sertão do Ceará: *Quixadá, Quixará, Quixelô, Quixossô* etc., todos mui provavelmente de origem *cariry*, como outros semelhantes que tambem se encontram nos sertões do Rio Grande do Norte até o norte da Bahia, por onde se estendeu o dominio dessa raça tapuya.

Do tupi, entretanto, é o outro toponymo *Ubatuba*, mui frequente na zona costeira onde se falou a *lingua geral*, de que elle procede. *Ubatuba* é corrupção do tupi *Ybátyba* (Ybá-tyba), cuja significação é — o sitio das fructas, o fructal, abundancia de fructas. O vocabulo Ybá, de que por corrupção se fez *ubá*, significa — a fructa. O termo *tyba*, de que por corrupção se fez *tuba* e algumas vezes *tiba*, é suffixo para exprimir — abundancia, frequencia, logar, sitio.

Assim *Ubatuba* ou *Ubatiba* significa propriamente — o sitio ou logar das fructas, onde estas se encontram com abundancia.

Entretanto, na lingua geral, tambem se encontra o vocabulo *ubá*, significando — canôa —, mas canôa, feita de um só tronco ou simplesmente da casca deste. Neste caso, então, o toponymo *Ubatuba* significará — o sitio das canôas —, local onde ellas se encontram em abundancia.

Levando-se em consideração o quanto deve ter soffrido o tupi em labios portuguezes, os toponymos indigenas ficam por isso muito alterados e tambem, por isso mesmo, sujeitos a interpretações diversas. Vale muito, neste caso, a caracteristica local.

A producção natural do logar, ou a occorrencia de circumstancias muito auxilia a dar a verdadeira traducção do toponymo em apreço, quando dos proprios elementos da palavra a significação não resulte clara e facil.

Queira V. S. dar as suas ordens ao

Att.º cr.º obd.º

Theodoro Sampaio

Banco dos Inglezes, n.º 1.»

***

A essa carta importa fazer algumas considera-

ções de ordem linguística. Os topônimos em apreço são, como se vê, QUIXERAMOBIM e UBATUBA. Examinaremos um e outro, sucessivamente.

QUIXERAMOBIM. — Como anota Teodoro Sampaio, não tem legítima procedência a fantasiosa significação dada pelo sábio botânico bávaro, visto não ser a palavra de origem tupí. Mas este vocábulo tambem não é de origem cariri, como supõe Sampaio. *Quixeramobim*, bem como outros topônimos frequentes nos sertões nordestinos, tais *Quixadá*, *Quixelô*, *Caxitoré*, *Poró*, etc., são expressões oriundas da lingua dos tapuias que habitavam a vasta região dentro da qual se continha toda a bacia do rio Banabuiú e do seu afluente Quixeramobim. Estes tapüias não eram cariris, de que se distanciavam tanto quanto dos tupís.

Constituiam um povo bem caracterizado pela sua cultura e pela sua lingua, genuinamente nordestino; era composto de várias *nações*, subdivididas em numerosas tribos. O *habitat* destes ameríncolas estendia-se do Piauí, provavelmente das margens do rio Parnaiba, pelos sertões e praias do Ceará e do Rio-Grande do Norte, sertões da Paraiba e Pernambuco, até alem do rio São-Francisco, no território baiano.

O pouco que se conhece da etnologia e da lingua autoriza enquadrar esta gente tapuia numa família étnico-linguística distinta. Os seus hábitos e costumes e a sua lingua oferecem singularidades que diferenciam a sua cultura e o seu falar, suficientemente, dos de qualquer outro grupo congênere da América.

À nova família impôs-se o nome da nação mais conhecida do grupo, que é a dos TARAIRIÚS, habitantes de vastas regiões do Ceará e sobretudo do Rio-Grande do Norte, nos tempos coloniais.

O que, presentemente, se sabe da lingua desta enorme família ainda não permite a análise etimológica dos topônimos correspondentes, tão abundantes em todo o sertão nordestino. Apenas um ou outro nome de lugar, desta origem tapuia, deixa lobrigar a sua verdadeira significação. O mais conhecido é PORÓ, vocábulo com que se denominam, no Ceará,

uma fazenda no curso médio do rio Banabuiú e uma ilha do baixo Jaguaribe. Há vários outros exemplos, tanto no Ceará como no Rio-Grande do Norte, da utilização toponímica desta palavra *tarairiú*, que significa o lugar onde se realiza certa festa própria do grupo.

UBATUBA. — Neste caso, como observa Teodoro Sampaio, a expressão é realmente de origem tupí. Todavia, não concordamos com a análise etimológica do ilustre missivista.

Não nos parece que *Ubatuba* seja corrução de *ybá-tyba*, sítio das frutas, o frutal, abundância de frutas, e nem tambem de *ubá-tyba*, sítio das canoas, o local onde elas se encontram em abundância.

A razão é simples. O riacho *Ubatuba* se junta ao riacho Santa-Rosa, no lugar Melancias, e os dois formam o riacho São-João-da-Praia, que assinala a extrema entre os estados do Ceará e Piauí até desembocar no rio Timonha. Nem o Ubatuba e nem o S.-Rosa comportam canoas (ubá); demais, estes pequenos cursos d'agua percorrem sobretudo o sertão ou os taboleiros áridos, que não são lugares onde as frutas possam ser abundantes. Temos, pois, que a análise deve ser outra. Ora, no tupí podemos ter:

uyba > *uuba* > *uba*,

a flecha do arco ou o cabo de qualquer instrumento. É tambem, já alterado em *ubá*, o nome indígena da flecheira ou cana-brava (*generium parviflorum*, Nees d'Esenb.), gramínea abundante em certos sítios frescos dos sertões e do litoral, sobretudo onde há fontes perenes, nas grotas e pés dos morros, de cujo raque floral os índios faziam o corpo das suas flechas.

De *uyba* ou *uba* se faz naturalmente, com o sufixo *tyba* ou *tuba*, a palavra *ubatuba*, significando: o lugar das flecheiras, o flechal, abundância de flecheiras ou canas-bravas.

Por outro lado, isto concorda perfeitamente com as circunstâncias locais e mais ainda com a evolução gráfica do nome do referido riacho.

Efetivamente, lê-se na data de sesmaria n.º 455, concedida pelo capitão-mor Salvador Alves da Silva,

em 4 de Setembro de 1719, ao coronel Domingos Ferreira de Veras, «que entre os riachos UUBATJBA e CAMOROPJ haj terras devolutas e desaproveitadas».

Consequentemente, dada a corrução normal do *y* tupí em *i* ou em *u* português, compreende-se a evolução seguinte:

uyba > *uuba* > *uba*,

da mesma maneira como tivemos tambem

tyba > *tuba*,

e, portanto, seguramente:

uyba-tyba > *Ubatuba*,

significando o lugar abundante em flecheiras ou canas-bravas. Há no Nordeste uma infinidade de localidades com os nomes de *Flecheiras* ou de *Cana-Brava*. Todas estão em relação com a existência de touças desta gramínea.

T. P. S.